

NOVAS DIMENSÕES DA LÍRICA DE CAMÕES

Leodegário A. de Azevedo Filho

Em vida de Camões, apenas três de seus poemas líricos foram publicados:

a) Ode ao Conde do Redondo, nos *Colóquios dos Simpies e Drogas*, de Garcia d'Orta, em 1563.

b) Tercetos dedicados a D. Leonis Pereira, na *História da Província de Santa Cruz*, de Pero de Magalhães de Gândavo, em 1576.

c) Soneto dedicado a D. Leonis Pereira, igualmente publicado na *História da Província de Santa Cruz*, de Pero de Magalhães de Gândavo, em 1576.

Trata-se de três poemas de circunstância, escritos em louvor de ilustres personalidades da época, quando nada revelando do excepcional mérito de Camões como poeta lírico. Na verdade, os textos mais significativos da sua lírica foram publicados postumamente, quinze ou dezesseis anos após a sua morte, ocorrida em 1579 ou 1580. E isso porque a fama crescente do poeta épico, desde a publicação de *Os Lusíadas*, em 1572, aos poucos ia despertando enorme interesse por sua poesia lírica, ainda inédita e dispersa em cancioneiros manuscritos.

De fato, só em 1595, com prólogo mais tarde atribuído a Fernão Rodrigues Lobo Soropita, aparece a primeira edição das *Rhythmas*, impressa por Manoel de Lyra e à custa de Estevão Lopes, em Lisboa. Três anos após, exatamente em 1598, publica-se a segunda edição, agora com o título de *Rimas*,

impressa em Lisboa, por Pedro Crasbeeck e também por conta do mercador de livros Estevão Lopes. Essa segunda edição incluiu os poemas do chamado Manuscrito Apenso à edição de 1595, existente na Biblioteca Nacional de Lisboa. Desse Manuscrito Apenso o professor Emmanuel Pereira Filho preparou uma edição diplomática, postumamente publicada pelo Instituto Nacional do Livro, em 1974, com o título de *As Rimas de Camões*.

A terceira edição é de 1607 e foi organizada por Domingos Fernandes, nela colhendo-se a informação de que o prólogo da primeira edição fora redigido por Fernão Rodrigues Lobo Sorpita. Em 1616, publica-se a *Segunda Parte das Rimas*, aparecendo mais tarde, em edição póstuma, de 1685 e 1689, a primeira e a segunda partes da edição de Faria e Sousa, morto em 1649. A terceira parte, de 1688, foi organizada por D. Antônio Álvares da Cunha, publicando-se ainda novas edições em 1720 e 1799, até chegarmos aos seis volumes preparados pelo Visconde de Juromenha, de 1860 a 1869. Ainda no século passado, aparecem as edições organizadas por Theophilo Braga, em 1873, 1875 e 1880.

Como se vê, a lírica de Camões conheceu muitas edições, do século XVI ao século XIX, acima indicando-se as principais. Quase todas tiveram, como fonte, cancioneiros manuscritos, onde a questão da autoria é controvertida, algumas vezes, acrescentando-se a isso o sério problema das variantes, quase nunca coincidindo inteiramente o texto de um poema em dois ou mais manuscritos. Por isso, as edições da lírica de Camões, publicadas do século XVI ao século XIX, sem qualquer rigor de crítica textual, acolheram textos de autoria duvidosa e nenhuma preocupação técnica revelaram com o problema das variantes. O poeta, que publicou apenas três poemas em vida, chega a aparecer com seis volumes na edição do Visconde de Juromenha... Daí a conhecida afirmação do professor M. Rodrigues Lapa: "Se o poeta voltasse a este mundo e visse as tropelias que lhe têm feito à obra, remorreria de riso ou talvez de desgosto". (1)

Dizer o que é de Camões e o que não é dele, na verdadeira enxurrada de textos apócrifos em que se transformou a sua lírica, através de numerosas edições, publicadas durante quatro séculos, não é tarefa fácil. Ao contrário, trata-se

(1) LAPA, M. Rodrigues. *Líricas*, 6a. ed. Lisboa, Sá da Costa, 1976, p. 13.

do mais sério problema que se depara a ecdótica portuguesa de nossos dias.

Com efeito, só em nosso século se dá início ao expurgo dos textos falsamente atribuídos ao poeta, graças aos estudos preliminares de Guilherme Storck e Carolina Michaelis de Vasconcelos, bem aproveitados por José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira, na edição que publicaram, em 1932. Nesta edição, nada menos de 248 poemas foram afastados do acervo da lírica de Camões. A rigor, aqui tem começo a segunda fase editorial em relação aos textos da lírica camoniana.

Nessa segunda fase, entre outras, as edições de Hernâni Cidade, na Coleção Clássicos Sá da Costa, e de Costa Pimpão, publicada em Coimbra, são as melhores. A edição de Antônio Salgado Júnior, para a Biblioteca Luso-Brasileira, da Aguilar, embora importante, nada acrescenta às anteriores, em matéria de método de trabalho. Nem deixou Camões a sua obra lírica preparada para o prelo, a despeito das referências a um possível *Parnaso*, que nunca se encontrou.

Estudos modernos e isolados sobre a questão da lírica camoniana, nos últimos quinze anos, foram publicados, entre outros autores, por Jorge de Sena, Roger Bismut, Elisabeth Naique-Dessai, Maria Isabel Ferreira da Cruz e Vítor Manuel de Aguiar e Silva. Mas nenhum deles, a nosso ver, abriu novos caminhos para a solução de tão complexo problema. Na verdade, parece que todos se preocupam em buscar o cânone total da lírica de Camões, por meios diferentes, o que jamais se conseguiu, apesar de quatrocentos anos de pesquisa. Isso, evidentemente, não diminui o mérito das pesquisas já realizadas, algumas conduzidas com rigor e respeito ao texto, em particular as que foram publicadas pelos autores há pouco citados.

Sabendo disso, o professor Emmanuel Pereira Filho procurou novo método de trabalho, extremamente operacional e revestido do máximo rigor científico, em comunicação lida no *I Simpósio de Língua e Literatura Portuguesa*, realizado em 1967, no Rio de Janeiro. Sendo impossível, como é, o estabelecimento do cânone total da lírica camoniana, sugeriu aquele professor brasileiro a elaboração do que chamou de cânone básico ou mínimo, capaz de nos revelar, com segurança, as dimensões de Camões como poeta lírico. Para isso, selecionou 8 (oito) documentos de consulta e pesquisa, a saber:

E — Ms. b — IV — 28, da Biblioteca do Mosteiro de San Lorenzo del Escorial. Nesse códice se encontra a primeira redação da *História da Província de Santa Cruz*, de Pero de Magalhães de Gândavo. E aí, como já indicamos, aparecem dois textos da lírica camoniana: os *Tercetos* e o *Soneto* dedicados a D. Leonis Pereira.

LF — Ms. nº 4 413 — FG, da Biblioteca Nacional de Lisboa. Trata-se do *Cancioneiro de Luís Franco Correa*, já agora publicado, em 1972.

MA — Ms. Apenso ao exemplar das *Rhythmas* (1595), Cam. 10 — P. da Biblioteca Nacional de Lisboa. Como já informamos, em edição póstuma, o Instituto Nacional do Livro publicou esse Manuscrito, em volume preparado por Emmanuel Pereira Filho.

PR — Trata-se de um sumário referente ao perdido *Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*, publicado por Carolina Michaelis de Vasconcelos, em edição diplomática, no ano de 1924.

GO — *Colóquios dos Simples e Drogas*, de Garcia d'Orta, de 1563, onde se publica a já citada *Ode ao Conde do Redondo*. Há uma reprodução fac-similada dessa obra, publicada em 1963, pela Academia das Ciências de Lisboa.

H — *História da Província de Santa Cruz*, de Pero de Magalhães de Gandavo, publicada em 1576. Aí se encontram os *Tercetos* e o *Soneto* dedicados a D. Leonis Pereira.

RH — *Rhythmas*, primeira edição, impressa por Manoel de Lyra, à custa e Estevão Lopes, mercador de livros, no ano de 1595. Dessa primeira edição existe uma reprodução fac-similada, publicada em 1968.

RI — *Rimas*, segunda edição, impressa por Pedro Crasbeeck, em 1598, também à custa de Estevão Lopes, na cidade de Lisboa.

Com base nos documentos acima indicados, Emmanuel Pereira Filho elaborou o seguinte modelo para estabelecer o cânone básico ou irredutível da lírica camoniana, como primeiro provisório passo, pois não desconhecia a existência de outros documentos do século XVI, a serem ainda estudados:

a) *Testemunho quinhentista*

A exemplo dos documentos que selecionou, qualquer outro que sirva de base para a revisão ou ampliação do câ-

none básico deve ser quinhentista ou descendente direto de outro documento também quinhentista. Como é evidente, não pode haver texto de Camões que não seja do século XVI. E a máxima proximidade no tempo é fator importante, embora não seja decisivo.

b) *Testemunho tríplice*

Em princípio, o duplo testemunho é satisfatório. Em se tratando da lírica camoniana, entretanto, impõe-se mais rigor, pelas razões já expostas. Daí o tríplice testemunho, para obter-se o máximo de confirmação.

c) *Testemunho incontestado*

Ausência de atribuição divergente e ausência de refutação são os dois elementos que definem o testemunho incontestado.

Aí estão, em síntese, os três princípios fundamentais do seu método de pesquisa. Aplicando esse método aos 8 (oito) documentos acima indicados, o autor encontrou, em caráter provisório e não ainda definitivo, os seguintes poemas inequivocamente de Camões:

| | |
|--------------------|------------|
| Sonetos: | 37 |
| Canções: | 9 |
| Odes: | 2 |
| Sextina: | 1 |
| Tercetos: | 5 |
| Epístolas: | 2 |
| Églogas: | 5 |
| Redondilhas: | 4 |
| Total: | 65 poemas. |

Os 65 poemas encontrados se distribuem em 8 gêneros, num total de 5.599 versos.

Em relação aos poemas que ficaram de fora e que a tradição vinha atribuindo a Camões, a nosso ver, duas hipóteses podem ser formuladas:

1ª) Ficar provado, documentadamente, que o poema não é mesmo de Camões, como fez Vítor Manuel de Aguiar e

Silva, em relação a dois textos, em suas *Notas sobre o cânone da lírica camoniana* — II; (2)

2ª) Ficar provado que o poema é de Camões, mediante a consulta a outros documentos quinhentistas ou de origem quinhentista ainda não examinados com tal propósito. No caso, é preciso que o poema, a ser incluído no cânone irreduzível, atenda aos três pontos básicos do critério aqui exposto.

Nesse sentido, coube-nos proceder a uma revisão dos resultados a que chegou Emmanuel Pereira Filho, após o interrogatório que fizemos ao Manuscrito 12 — 26 — 8/D 199, da Academia Real de História, de Madrid, conforme está indicado em nosso estudo *O cânone lírico de Camões*. (3). Aí apresentamos novo cânone irreduzível, com a inclusão de 20 poemas, de acordo com o modelo teórico aqui estudado. Com a publicação do *Cancioneiro de Cristóvão Borges*, a ser feita pelo professor Arthur Lee Francis Askins, da Universidade da Califórnia, Berkeley, novamente vamos remanejar o modelo teórico de Emmanuel Pereira Filho, incluindo novos poemas no cânone básico, desde que atendam aos rigores científicos do método adotado.

Para concluir, observamos que, no sumário do *Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*, em alguns casos, há dupla indicação de autoria. Como exemplo, citamos os seguintes sonetos, pelo *incipit*:

- a) Todo o animal da calma repousava;
- b) Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades.

Com efeito, no citado sumário do *Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*, tais sonetos apresentam dupla indicação de autoria, pois são atribuídos a Diogo Bernardes e a Camões, ao mesmo tempo. No caso, se há dupla indicação de autoria, é evidente que uma anula a outra. E o testemunho triplice, independentemente do sumário citado, de que dispomos, para os dois sonetos em causa, confirma que eles são, realmente, de Camões, sem qualquer desvio do terceiro ponto do critério que nos deixou Emmanuel Pereira Filho. E isso porque o

(2) SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. — *Notas sobre o cânone da lírica camoniana II*. *Revista de História Literária de Portugal*, Coimbra, 4, 1975.

(3) AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. — *O cânone lírico de Camões*. Rio de Janeiro, Novacultura, 1976.

conceito de "atribuição divergente", a nosso ver, deve ser aplicado a documentos diferentes e não ao mesmo documento. Queremos dizer: quando, num só documento, houver dupla indicação de autoria, uma será anulada pela outra, restando ao pesquisador a alternativa de procurar o tríplice testemunho quinhentista em outros manuscritos, como fizemos. Assim, segundo o nosso ponto de vista, os dois sonetos em questão devem ser incluídos no cânone irredutível, sem qualquer quebra do critério científico aqui exposto e defendido. Ademais, os dois sonetos citados não aparecem nas obras completas de Diogo Bernardes, fato que reforça a nossa posição.

Em síntese, devemos ao professor Emmanuel Pereira Filho a elaboração de novo método de trabalho para o problema do cânone lírico de Camões. Quando todos os manuscritos quinhentistas ou descendentes de outros manuscritos também quinhentistas forem examinados com esse propósito, naturalmente os manuscritos conhecidos e com interesse para a lírica camoniana, chegaremos ao cânone irredutível, com rigor e método. Depois dessa primeira etapa é que virá, então, a segunda: o estabelecimento crítico dos textos, enfrentando-se o terrível problema das variantes. Por fim, como terceira etapa, a partir dos textos estabelecidos, os estudos estilísticos e literários sobre a lírica de Camões, até aqui feitos com base em poemas que, muitas vezes, não levam a menor garantia de terem sido escritos pelo poeta. Em suma, a verdadeira dimensão literária de Camões, como autor lírico, só pode ser apreciada, a rigor, depois de cumpridas as duas etapas preliminares acima referidas. Fora daí, o que se tem é puro açodamento ou participação inconseqüente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. **O cânone lírico de Camões**. Rio de Janeiro, Novacultura, 1976.
2. CRUZ, Maria Isabel S. F. da. Novos subsídios para uma edição crítica da **Lírica de Camões**. Porto, 1971. **La lyrique de Camões**. Paris, P.U.F., 1970.
3. LAPA, M. Rodrigues. **Líricas**, 6.^a ed. Lisboa, Sá da Costa, 1976.
4. NAIQUE-DESSA, Elisabeth. **Die Sonette Luís de Camões**. Untersuchungen zum Echtheitsproblem. In **Aufsätze zur portugiesischen Kulturgeschichte**, 7. (1969), p. 52-125.

5. PEREIRA FILHO, Emmanuel. **Aspectos da lírica de Camões**. In: 1.º **Simpósio de Língua e Literatura Portuguesa**. Rio de Janeiro, Gernasa, 1967.
6. ————. **Estudos de crítica textual**. Rio de Janeiro, Gernasa, 1972.
7. ————. **Uma forma provençalesca na lírica de Camões**. Rio de Janeiro, Gernasa, 1974.
8. ————. **As rimas de Camões**. Rio de Janeiro, Aguilar/MEC, 1974.
9. PIMPÃO, A. J. da Costa. **Rimas**. Coimbra, Atlântica, 1973.
10. SALGADO JÚNIOR, Antônio. **Obra completa**. Rio de Janeiro, Aguilar, 1963.
11. SENA, Jorge. **Uma canção de Camões**. Lisboa, Portugalia, 1966.
12. ————. **Os sonetos de Camões e o soneto quinhentista peninsular**. Lisboa, Portugalia, 1969.
13. SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **Notas sobre o cânone da lírica camoniana**. II. Separata da **Revista de História Literária de Portugal**, Coimbra, 1975.